

RUIZ, J. B.; SIMONOFF, A. (Org.) Integración y Cooperación Regional en América Latina: Una relectura a partir de la teoría de la autonomía. Buenos Aires: Biblos, 2015. ISBN 978-987-691-325-6

ANELISE DUTRA MACIEL DE ANDRADE¹

Palavras-chave: Autonomia; Integração; América Latina.

Keywords: Autonomy; Integration; Latin America.

O livro "Integración y Cooperación Regional en América Latina: Una relectura a partir de la teoría de la autonomía" está situado no marco de um processo de revisão do conceito de autonomia, mostrando que o mesmo representa um dos pilares do pensamento acerca das relações internacionais na América Latina. Os organizadores José Briceño Ruiz e Alejandro Simonoff partem da hipótese de que a integração regional com vocação autonomista viria sendo um elemento central para a prática de política externa, sobretudo de Argentina e Brasil. Para isso, dividem a obra em duas partes: a primeira, que faz uma revisão da história do pensamento autonomista latino-americano, bem como sua redefinição e vigência nos tempos globais, com as reflexões de Raúl Bernal-Meza, José Briceño Ruiz, Alejandro Simonoff e Andrés Rivarola Puntigliano; e a segunda, que se dedica à dimensão empírica da autonomia, sob as visões de Mario Rappoport e Maria Cecilia Míguez, Amado Cervo, Tullo Vigevani e Haroldo Ramanzini Júnior, José Flávio Sombra Saraiva, Gilberto Aranda Bustamante e Cristian Ovando Santana.

¹Mestranda do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). **Endereço para correspondência:** Rua São Francisco Xavier, 524, Pavilhão - João Lyra Filho, 9º andar, Bloco F, sala 9037, Maracanã, Rio de Janeiro, RJ - CEP: 20550-013. **E-mail:** anelisedutra@gmail.com

Recebido em:
05 de Junho de 2015

Received on:
June 5, 2015

Acito em:
11 de Junho de 2015

Accepted on:
June 11, 2015

DOI: 10.12957/rmi.2015.17129

Bernal-Meza converge com Briceño no sentido de que a autonomia seria um objetivo inevitável da política nacional pelo simples fato de que quanto mais autônomo é um ente, maiores as suas possibilidades de desenvolver-se da forma que julgar melhor, sobretudo no que diz respeito às relações entre Estados centrais e periféricos. No entanto, vai além dos demais citados até aqui ao afirmar que Puig era um realista com ideais e otimismo; esse último sendo proveniente da crença em uma possível estratégia de integração no sistema internacional. Simonoff, por sua vez, analisa a obra de Puig a partir das perspectivas neoliberal e autonomista, e conclui argumentando que o estudo da autonomia deve representar uma ferramenta desenhada para se chegar a uma verdade, pois permite à América Latina começar a construir uma forma de inserção válida diante de uma realidade que se modifica.

A segunda parte do livro vai além da teoria e aborda a dimensão empírica da autonomia nos processos de integração e cooperação regional. Rappoport e Míguez, Aranda Bustamante e Ovando Santana focam seus trabalhos no processo de política externa e inserção internacional de determinados países latino-americanos. Rappoport e Míguez afirmam que a Argentina buscaria uma inserção que levasse em conta o novo

contexto internacional, mas tratando de afirmar interesses nacionais e regionais, bem como estratégias multilaterais. Nesse contexto, a consolidação de um desenvolvimento econômico, tecnológico e sociocultural constituiria a base a partir da qual as possibilidades de se estabelecer uma relação vantajosa com o resto do mundo se encontraria.

Diferentemente de Rappoport e Míguez, Cervo, Vigevani e Ramanzini Jr., e Sombra Saraiva adotam o Brasil como foco de sua análise. Cervo busca investigar a linha de pensamento latino-americano de cunho brasileiro aplicado às relações internacionais. Para isso, deixa claro que não se trata de tipificar um pensador, uma escola ou uma corrente de pensamento, mas de conceitualizar o paradigma logístico de inserção internacional do país no século XXI e descrever ao mesmo tempo sua versão empírica. Vigevani e Ramanzini Jr. verificam a forma pela qual o objetivo de autonomia na política externa brasileira se relacionaria com as posições do país nos processos de integração regional no Cone Sul durante o período de 1991 a 2002. Assim, a busca da expansão geográfica de integração e cooperação do Cone Sul com a América do Sul viria sendo uma característica central da política externa do Brasil. Sombra Saraiva, por sua vez, argumenta que a concepção analisada

em seu capítulo, que aproxima passado (momentos históricos) de presente (mundo complexo e multipolar), seria importante para a discussão acerca das formas de inserção no sistema internacional do século XXI de um país com o porte do Brasil. Conclui que seria relevante que sigam os debates sobre se o sentido do conceito de autonomia praticado na América Latina em geral teria ou não se mostrado diferente da experiência brasileira.

Por fim, Aranda Bustamante e Ovando Santana unem Argentina e Chile, examinando como os mesmos veem o significado da autonomia, tanto em sua relação com o mundo quanto em seu vínculo bilateral. Argumentam que apesar de desenvolverem estratégias de autonomia particulares e das diferentes orientações ideológicas para a região,

ambos começariam a convergir por meio de rápidas relações bilaterais, favoráveis a uma integração regional, sobretudo no que se refere ao Mercosul político, engajando-se em uma série de iniciativas conjuntas.

A guisa de conclusão, é importante ressaltar que o livro transmite uma excelente base acerca da dimensão teórica do conceito de autonomia, principalmente no que diz respeito ao seu retrospecto histórico, abordado brilhantemente pelos autores que compõem a primeira parte da obra. Além disso, apesar da esfera empírica tratar apenas daqueles Estados que mais se destacam na região, como Argentina, Brasil, e Chile, a abordagem realizada é bastante clara e permite ao leitor uma aplicação da teoria desenvolvida na primeira parte.